



SERPRO 50 anos
Série Especial de Reportagens

REDESCOBRINDO A DEMOCRACIA

A terceira década do Serpro foi marcada pelo civismo e por uma intensa mobilização política

Promulgação da
Constituição
Federal de 1988

Revista Interna Nº 31 - Jun/Jul 2014

- **EM SOLO TERESINENSE**
Confira a história do escritório do Serpro na capital do Piauí
- **MARCAS QUE NÃO SE APAGAM**
Colegas falam sobre a experiência de ter tatuagens
- **CALOR HUMANO**
Serprianos realizam campanhas do agasalho

UMA DÉCADA POLITICAMENTE AGITADA

Os anos de 84 a 95 foram intensos: por um lado, a alegria da redemocratização; por outro a empresa viveu o trauma das demissões

Julho de 1989: quando os jovens advogados Salvador Pereira e Samuel Barros entraram no Serpro, a cidadania brasileira vivia uma ebulição. Em um movimento intenso de reestruturação política e o cidadão começava a tomar posse de algo que, afinal de contas, nunca deveria ter deixado de ser seu: o governo do país. O Brasil vivera um intenso movimento popular pelas Diretas Já e finalmente se reencontrava com a democracia, ainda que de forma indireta.

Salvador e Samuel eram recém-empregados quando as primeiras eleições diretas depois de mais de vinte anos levaram a um novo presidente, que assumiu em 1990. O curto mandato, terminado por impeachment, marcaria a história do país e do Serpro. Mas a sucessão presidencial se deu sem solavancos na democracia. Uma nova constituição havia sido promulgada em 1988, materializando o fim da ditadura e, ao mesmo tempo, proporcionando a entrada dos dois colegas na empresa pela via do concurso público, conforme disposto na Carta.

Caras pintadas, manifestações, discussões acirradas pelos mais variados matizes ideológicos. Em um movimento intenso de reestruturação política, o cidadão começa a tomar posse de algo que, afinal de contas,



SERPRO 50 anos
Série Especial de Reportagens

Em 1986, o TSE confiou ao Serpro o recadastramento de todos os eleitores do país

nunca deveria ter deixado de ser seu: o governo do país. Em 89, atendendo às determinações da nova Constituição Federal, o Serpro realiza seu primeiro concurso público. Nesse contexto de reconstrução de um Estado de direito, Salvador Pereira e Samuel Barros, dois jovens advogados, ingressam no Serpro. “Não havia essa história de banca, o concurso foi realizado pela empresa mesmo” lembra Salvador Pereira, ainda hoje na Cojur de Brasília. A consultoria jurídica à épo-

ca, por seu ar solene, era apelidada de Olimpo. “As pessoas tinham até medo de passar no corredor: sentiam uma espécie de temor reverencial pelo 'areópago’”, brinca Samuel, que acha que a formalidade toda ainda era um resquício do período de exceção. Em compensação, as instalações eram excelentes: não faltavam livros nem periódicos. A biblioteca da consultoria era tão boa que um ex-advogado do Serpro que havia passado no concurso para Procurador da República, um tal de ▶

Joaquim Barbosa, sempre visitava as instalações durante seu doutorado.

Aprontando no Olimpo

Para provocar os “deuses olímpicos”, Salvador e Samuel aprontavam, e muito. “A gente era moleque e fazia muita pataquada”, entrega Samuel. Escondiam a moto do colega, colavam o telefone do chefe na base e ficavam atocaiados esperando ele atender. Um dia, colocaram listas telefônicas na mala dos autos processuais e o sujeito ia carregando aquele peso todo, achando que eram documentos muito importantes. Não precisava nem de inquérito: todo mundo já sabia que eram eles: “a gente já tinha fama de culpado mesmo”, confessam.

Mas também trabalhava-se muito. A rotina era complexa e exigente. Viagens de quinze dias fora e, ao chegar no aeroporto, uma nova audiência em outro ponto do país. “São Paulo, voo de meia-noite para evitar outra diária, você chegava no balcão da companhia aérea já pensando nas crianças... e tinha um PTA (uma nova passagem) nos mandando para Manaus”, relata Salvador. Chegando lá, já estava, à espera, o preposto do Serpro, com uma nova pilha de processos assinada pelo pessoal de Brasília.

Um corisco no Polimax

As petições e pareceres eram todas redigidas à mão, enviadas para o polo de digitação, que era chefiado por dona Lúcia Mourão. Lá era utilizado o Polimax, um estranho aparelho com algo talvez próximo de um HD de hoje: um disquete preto gigante. Na prática, era um protocomputador que operava única e exclusivamente como editor de texto. O material ia sendo produzido rapidamente e arquivado em outros disquetes. “A digitação era ligeira, dona Lúcia era um corisco! Não existia possibilidade de erro gramatical: ela era do tempo



Polimax: disquete gigante contendo apenas um processador de texto

em que escola pública representava padrão de excelência”, avalia Salvador.

Também havia as novidades de um país em pleno processo de reconstrução democrática. “Acontecia muita coisa na época, a gente ficava estudando a legislação para ver como é que poderia ser aplicada no Serpro”, relata. Um exemplo foi o pregão, utilizado pela empresa de forma pioneira. “O chefe da logística da época, que era responsável por tudo, de caneta a servidor, queria saber se dava para fazer contratações mais fáceis. Eu sugeri o tal do pregão”, explica Salvador. Às vezes a inovação era tanta que chegava a trazer problemas. “Volta e meia o TCU criava caso porque ainda não conhecia o que a gente aplicava por aqui”, completa Samuel, hoje da Supga de Brasília.

Demissões no atacado

A nota triste da época foram as demissões em larga escala. O final da década de oitenta e início de noventa

foi marcado por crises e pela tentativa de reforma do aparelho burocrático. Em busca do almejado equilíbrio em suas finanças, governos do mundo inteiro decidiram restringir sua própria atuação, o que ficou conhecido como o término do estado do bem-estar social. No Brasil não foi diferente, e a situação atingiu duramente os trabalhadores do Serpro. Na Sede e em diversas regionais, foram demitidos, durante o período, cerca de 30 mil empregados.

“Na década de noventa, eu trabalhava diretamente no nosso cliente, que era a Caixa Econômica Federal”, relembra Anete Faccio Fagherazzi, da Regional Porto Alegre. “O governo queria enxugar 30% do quadro de pessoal e um dos critérios para demissão era a avaliação das chefias”, relata Anete. O problema é que, como os empregados que trabalhavam fora da regional simplesmente não eram conhecidos, seu desempenho foi considerado baixo. Na época, havia uma espécie de regra não escrita: quando havia casais trabalhando juntos na empresa, só um deles era demitido. “Mesmo assim, muita gente enfrentou dificuldades”, relata a gaúcha. “Eu era casada e meu marido trabalhava em outro local – assim, tinha como me virar. Outras pessoas eram sozinhas, às vezes com filho ou pais doentes. Então, usei a consciência e percebi que a minha situação não era a pior”, relata Anete Fagherazzi, que foi reintegrada via processo administrativo em 2003.

O “enxugamento” da máquina pública também representou a conclusão de uma era para a Sede do Serpro. Uma série de leilões foram, aos poucos, extinguindo um patrimônio e um estilo de vida considerados luxuosos. Era o fim da frota de opalas azuis, talheres de prata e tolhas de linho utilizados pela diretoria. Também nunca mais houve quartos mobiliados instalados nas dependências da empresa. ▶

Happy hour adiantado

Outro fato que pode soar inusitado para os ouvidos contemporâneos é que, até a década de noventa, havia um convívio natural com bebidas e cigarros no ambiente do Serpro. “Teve um período em que, como o trabalho era demais e não sobrava tempo para o happy hour, o uísque era consumido aqui mesmo. Mas isso era comum, tinha diretor que chamava a gente para tomar uma na sala dele. Felizmente, ninguém virou alcoólatra”, garante Salvador.

Uma outra história, esta contada por Samuel, também demonstra um certo pendor ético demonstrado pelos empregados da época. “Nosso chefe uma vez nos pediu um contrato importante, com uma empresa da Califórnia, e já trouxe a garrafa. Começamos às seis da tarde, terminamos às duas da manhã. E não tinha nada de hora extra. No final, todo mundo elogiou. O acordo ficou tão bom para o Serpro, que mais tarde tivemos que fazer uns aditivos para não levarmos os californianos à falência”, relembra Samuel. ■



Visita de autoridades governamentais às instalações do Siafi em 1990

LINHA DO TEMPO

veja os principais acontecimentos no Serpro entre 1984 a 1994



[1984]

- Começa a introdução aos microcomputadores

[1985]

- Implantação de impressoras eletrônicas na empresa
- Serpro faz apuração eleitoral para prefeitos em 9 capitais mais a cidade de Duque de Caxias

[1986]

- TSE e Serpro recadastram todos os eleitores do país. Implantação da folha de votação informatizada
- Criação do Siafi

[1987]

- Eleições – desafio constante é aprimorar o sistema
- Digitadores ganham pausa programada

[1988]

- Conta única integra-se ao Siafi
- Receita Federal - o leão mais ágil (sistema piloto da agência Santa Ifigênia)
- Ligação em rede, a nova conquista (até o fim do ano todas as unidades do Serpro estão conectadas)

[1989]

- Siape - a Folha de Pagamentos consolidada
- Serpro estuda a informatização das eleições presidenciais
- Apuração da eleição presidencial

[1990]

- Serpro e a justiça eleitoral catarinense já estudam a implantação do voto eletrônico
- Criação da urna eletrônica desenvolvida pelo Serpro e Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina
- Demissão de empregados

[1991]

- Declarações do Imposto de Renda em disquete
- Implantação de Serviços de Comunicação de Dados via Satélite na Rede Serpro de Computadores com o uso do Brasilsat

[1993]

- Implantação do Siafem - Sistema Integrado de Administração Financeira para Estados e Municípios
- A experiência do Serpro em Angola - Primeira missão do Serpro em Luanda, na África
- Renavam e Renach revolucionando o sistema de trânsito brasileiro

[1994]

- Projeto Eleitoral do Serpro é apresentado no exterior
- A experiência do Serpro em Angola - Primeira missão do Serpro em Luanda, na África

À FLOR DA PELE

Em quase todas as regionais encontramos gente disposta a falar sobre as marcas voluntárias que imprimiram em seus corpos

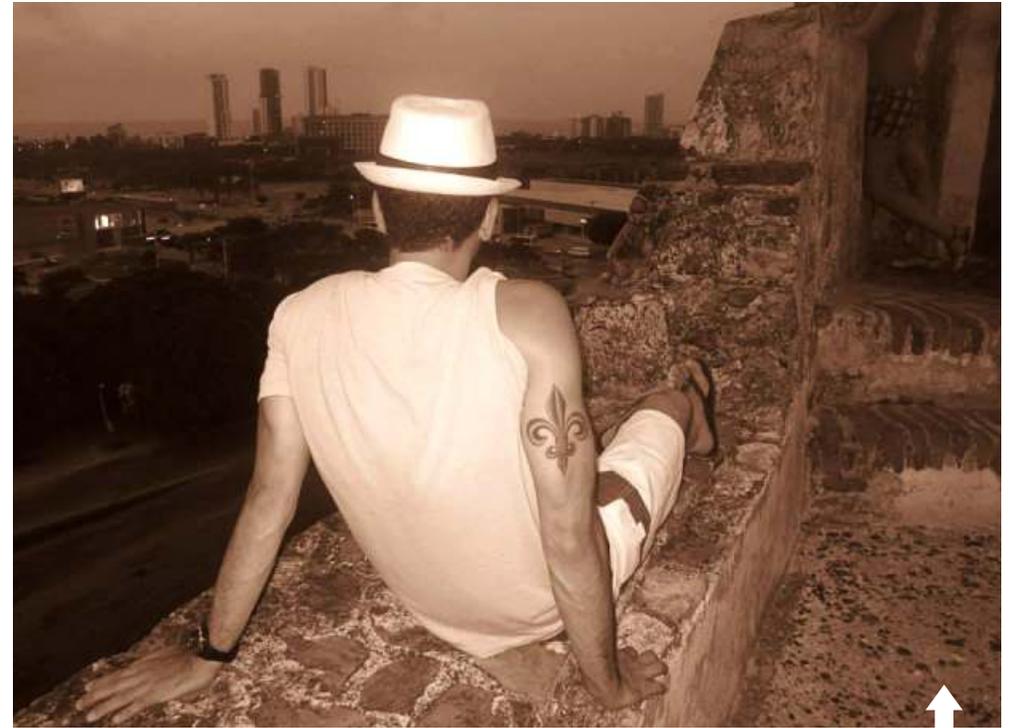
Houve um tempo, há muito tempo, que tatuagens pelo corpo identificavam as pessoas que estavam à margem do padrão social vigente. Nos dias de hoje, é raro andar pelas ruas e não encontrar alguém tatuado, independente de status, raça, cultura e posição social.

A arte da tatuagem quebrou muitos paradigmas, deixando inclusive de representar identificação com determinada tribo urbana ou grupo social. “Nós fazemos arte, arte viva, que pulsa e respira e está em todo lugar” explica o tatuador paulista André Falcão, especialista em tatuagens tipográficas e pequenas. “As pessoas querem um diferencial. Alguns são ousados, outros mais discretos, mas todos têm o mesmo desejo: que a tatuagem seja única, especial e representativa em sua vida” completa ele.

Essa busca de algo significativo marcado no próprio corpo é antiga. Registros históricos apontam tatuagens em múmias egípcias do sexo feminino, como a de Amunet, que teria vivido entre 2160 e 1994 a.C. e apresenta traços e pontos inscritos na região abdominal. Outro registro foi identificado no famoso Homem do Gelo, múmia com cerca de 5 300 anos descoberta em 1991, nos Alpes, embora haja dúvida se as linhas azuis no corpo sejam tatuagens ou cicatrizes de algum tratamento medicinal adotado na Idade da Pedra.

Individualidade coletiva

Em praticamente todas as culturas se encontram o ritual e costume de pintar o corpo, diferenciando-o, seja de forma temporária ou permanente. No caso da tatuagem, o desenho é visto externamente apesar de a tinta estar na derme, que é a segunda camada da pele. “As células da derme são muito mais estáveis do que as da epiderme (camada externa), por isso a tinta que usamos permanece no lugar e pode durar por toda a vida. É um trabalho manual e delicado, a agulha vai depositando uma gota de tinta cada vez que perfura a pele, até completar o desenho” explica Falcão.



Serprianos contam as histórias de suas tatuagens

As tatuagens mais tradicionais e comuns são as maoris, de dragões, fênix, serpentes, fadas e borboletas. Nos estúdios de tatoos, porém, tem sido comum o pedido de tatuagens que misturem diversos elementos, com desenhos combinados, árvores, signos metafísicos e místicos e as tipográficas, que reúnem a simplicidade das letras e a cor preta. No Serpro encontramos admiradores e adeptos de tatuagens de todos os tipos, modelos e tamanhos. Curiosamente, boa parte deles, apesar de falar orgulhosamente da própria tatuagem, preferem manter sua “arte viva” no círculo próximo de amigos, evitando entrevistas. A GPS procurou em cada regional quem se dispusesse a falar e apresentar essa mostra da arte que acompanha a humanidade desde sempre. ■



FILHOS SURPRESOS

Belém

Um desejo desde sempre mas que precisou esperar o momento certo: assim **Maria Tereza Rocha**, amazonense nascida em Parintins e que atua no Escritório de Manaus fala sobre sua tatuagem, uma orquídea e um beija-flor, localizada na lombar direita.

“Fiz minha tatuagem num momento de serenidade em minha vida. E em vez de surpreender meus pais, meus filhos que ficaram surpresos comigo” explica Tereza. “Busquei no simbolismo regional retratar minha visão de mundo e a orquídea tem essa graça de ser uma flor rara, delicada e exótica. Já o beija-flor traz a vibração mais alta e suave da natureza. São as únicas aves que voam em qualquer direção: para cima, para baixo, para trás e para os lados. Essa convergência de flor e ave nos estimula a encontrar a doçura e a alegria de cada situação”.



SÍMBOLO DE ASCENDÊNCIA

Belo Horizonte

Uma marca que reflete dois movimentos distintos: o pertencimento a um grupo e a diferenciação individual. Essa foi a motivação de **Mauro Albuquerque**, colega da Supde de Belo Horizonte, para criar e tatuar uma imagem em seu braço direito. Gravada em sua pele há cerca de dois anos, a tatuagem monocromática é mais do que um adereço estético, ela simboliza um laço com a cultura e a história de seus antepassados. “O desenho é de uma flor-de-lis inspirada nos símbolos da heráldica, com um escudo de cinco pontos que são justamente os símbolos que compõem o brasão da minha família”, explica Mauro. Para ele, além da referência familiar, havia o desejo de registrar algo que fizesse um sentido simbólico particular. “De certa forma a tatuagem ressalta isso, tornando-me um indivíduo único no mundo”, completa.



PAZ E SABEDORIA

Brasília

Foi-se o tempo em que tatuagem era necessariamente sinônimo de alternatividade e inconformismo com o “status quo”. Hoje, gente muito bem-comportada também curte sim, obrigado. Os desenhos são utilizados para representar quase tudo: temas religiosos, nomes de entes queridos, frases e imagens inspiradoras.

Um exemplo é **Jessica Caeli**, da Sede, que gravou “pace et sapere” (“paz e sabedoria”) na cintura. “Fiz com minhas colegas do curso de direito”, explica. Ela conta também, que tem tatuagens com o nome do marido e do filho. Na foto, uma homenagem ao pequeno Arthur.



GRANDE NO SIGNIFICADO

Fortaleza

Adriana Rodrigues, da Supgs, já fez quatro tatuagens. Hoje restaram duas. “Há mais de vinte anos, fiz a primeira, perto do seio. Meses depois, fiz outra, na perna. Da primeira, perdi a metade, por conta de uma cirurgia plástica. Já a da perna decidi cobrir há seis anos. E em 2013 fiz mais uma”.

Ela ficou com uma pequena chave de sol, no ombro, e com o seu xodó: as máscaras da comédia e tragédia, na perna. “Amo teatro, carnaval, cultura, mas na realidade escolhi o desenho por representar a vida, que é alegria e tristeza”.

Para Adriana, a grandiosidade da arte de tatuar está nos significados, não na quantidade ou tamanho das tatuagens. Mas adianta que nada a impede de realizar novas investidas. “Difícilmente se fica só com uma tatuagem, e existe a superstição de que se deve ter um número ímpar. Vou fazer mais uma”.



LITERATURA NA VEIA

Curitiba

Entre as diferentes referências, a poesia. **Raphael Neto**, analista da Supde, tem quatro tatuagens: duas nas partes internas de seus antebraços e duas nas pernas. Raphael diz que, quando decide fazer uma, não busca seguir um mesmo conceito, mas deixa a imaginação voar: “a criatividade do tatuador que escolho faz o resto do trabalho”, diz.

Mas uma das que mais chama a atenção é a que está em seu antebraço direito, que faz referência direta a “O Corvo”, clássico poema de terror do americano Edgar Allan Poe. “É um de meus poemas favoritos”, diz Raphael. Lá estão o corvo sobre o busto da deusa grega Pallas Atena, Lenore, o amor perdido do narrador, e a frase dita pelo pássaro, “nevermore” - “nunca mais”, em português.



A MARCA DO GUERREIRO

Florianópolis

Uma das inspirações para que o analista **Leandro dos Santos Rodrigues**, da Regional Florianópolis, fizesse sua tatuagem no tornozelo foi o povo Maori. “É um povo guerreiro da Nova Zelândia, que lutou muito bravamente e com orgulho”, explica. A outra inspiração foi cobrir uma tatuagem antiga e mal escolhida. “Esse é outro assunto”, desconversa.

Já o nosso guerreiro Leandro teve que tomar coragem e algumas cervejas para aguentar as oito horas seguidas de dor necessárias para fazer a tattoo. “Escolhi um local bem discreto, para tatuar” declara ele, que diz ainda sentir algum preconceito em relação à tatuagem. “A próxima, também no estilo Maori, vai ser no braço” garante.



“ONDE TEM OSSO DÓI MAIS”

Porto Alegre

Elfos são criaturas místicas herdadas da mitologia nórdica que se equiparam às fadas ou ninfas. Esse foi um dos elementos com que se identificou **Andrea Analu Pereira**, da Supde, para tatuar na perna um desses seres luminosos sentado em uma vitória-regia, símbolo brasileiro de esplendor e força. Nas costas Andrea encomendou tatuarem-se rosas, com um discreto nascer do sol logo acima, que, segundo sua interpretação, “injeta energia” nas flores.

A série de tatoos começou pelas rosas, há seis anos. A analista diz que o medo era maior antes de começar a fazer. “A intensidade da dor depende do local do corpo. Onde tem muito osso, dói mais”, informa a colega. A próxima tatuagem já está em projeto, talvez uma borboleta na região do colo. “Eu sempre demoro para decidir porque acho que precisa ser algo que tenha a ver comigo, com o meu dia a dia e com o lugar onde vivo”, diz Analu. “Vale a pena pensar bem”, completa.



ARTE PRIMITIVA CONTRAPONDO A TECNOLOGIA

Recife

“É um onda polinésia entrelaçada com motivos tupi-guarani. Um desenho que ganhei de presente de um amigo, artista plástico. É exclusiva”, afirma **Daniel Melo** ao ser questionado sobre a tatuagem que ostenta na panturrilha direita.

A tatuagem remete às tribos indígenas dos primeiros habitantes da Polinésia, que possuem imensa tradição de tatuagem e combina o traçado da arte tupi-guarani que também adornavam o corpo mas só que de forma temporária.

“Faço o contrapeso da minha relação profissional com a tecnologia com a sabedoria dos antepassados e me sinto conectado com minhas raízes, meus antepassados índios, negros e brancos” explica Daniel.



FASES DA VIDA NA MEMÓRIA E NO CORPO

Rio de Janeiro

Tatuados costumam dizer que após a primeira tattoo, outras virão com certeza. **Anna Graciela Cruz**, da Regional Rio de Janeiro, ilustra bem a afirmação. “Tenho sete tatuagens, um Triskle na nuca, símbolo celta que representa tráfades da vida; uma chakana, cruz inca, no ombro esquerdo; uma cruz estilizada no ombro direito; uma Maori, com vários desenhos tribais juntos, na panturrilha esquerda; uma clave de fá no quadril esquerdo, um dragão no quadril direito e um gato no pulso esquerdo”.

Cada tatuagem tem um significado especial. “Foram feitas em momentos importantes, marcando alguma fase. A mais recente é a chakana, que fiz no Peru, tanto pra marcar a viagem quanto pelo significado: ela é símbolo de árvore da vida para os incas”. E virão mais. Anna já tem dois outros desenhos planejados: uma rosa dos ventos estilizada e uma tatuagem de balões de ar quente.



LEMBRANÇA DE QUEM SE AMA

Salvador

Há cerca de três anos, uma borboleta bem colorida e uma letra “M” estilizada enfeitam a nuca de **Márcia Santos**, auxiliar da UniSerpro em Salvador. Segundo essa mãe de dois rapazes e uma moça, a letra “M”, inicial do seu nome, remete também à palavra “mãe”. Já a borboleta passa uma ideia de liberdade, transformação e renovação. “Já tinha vontade de fazer, mas não tinha coragem e não sabia exatamente o que escolher, até que um amigo me incentivou”, conta Márcia, que inicialmente não gostava de tatuagens.

E como geralmente quem decide fazer uma tatuagem não a deixa “solitária”, Márcia já escolheu seu novo desenho para homenagear a família. “Vou fazer um trevo de quatro folhas, cada uma com as iniciais do meu nome e dos meus filhos. Mas desta vez, no pulso, para que eu possa ficar sempre olhando”, orgulha-se.



MÚSICA GRAVADA NO CORPO

São Paulo

As quatro tatuagens de **Priscilla Gomes**, da Supde, vazaram da alma para o corpo. O símbolo da banda Aerosmith, a letra “A” com asas, tatuado nas costas, é para mostrar sua paixão pela música, pelo rock. Uma afinidade cultivada desde criança. “Aos seis anos, comecei a fazer aulas de piano com minha avó, que era professora. Depois, passei a observar meu pai, pianista, para tentar aprender algo. Também estudei violão, gaita e saxofone”, conta ela.

“Hoje, estudo guitarra, canto e bateria”, completa. Em reconhecimento a essa musicalidade e cumplicidade familiar na sua formação, ela tatuou as claves de sol e de fá nos pulsos. A quarta tattoo, um ramo de lírios próximo ao coração, Priscilla não mostra. Mas conta que adotou o significado dado à flor em um filme que assistiu: “Eu te desafio a me amar”.

🔍 Você Sabia?

CONHEÇA OS DIVERSOS TIPOS DE TATUAGEM

Tribal - A tatuagem mais vista por aí é inspirada nos símbolos que representam diversas tribos pelo mundo afora

Maori - As tatuagens Maori também são muito procuradas, impulsionadas pela tradicional ritualística dessa tribo indígena

Oriental - Carpas, sakuras, dragões e outros elementos orientais são as principais pedidas desse tipo de tatuagem, normalmente de grande extensão.

Old School - Tatuagens tradicionais, representadas principalmente por marinheiros e âncoras. Os traços são grossos e sombreados.

New School - Com inspirações no grafitti, as tatuagens New School costumam ser bem coloridas e em três dimensões

Portrait - As tatuagens realistas são muito usadas para homenagear pessoas e animais queridos

Biomecânica - Ilustram os órgãos humanos das mais diversas maneiras, muitas vezes com a presença de engrenagens e fios

Belfaro Pigmentação - Mais conhecido por maquiagem definitiva - afinal, ninguém merece pintar a sobrancelha e delinear os olhos todos os dias, né?

Religiosas - Figuras que representam a fé das mais diversas linhas espirituais

Psicodélicas - Como o próprio nome já indica, são supercoloridas e com muitos elementos gráficos misturados

Bold Line - Inspirada nas principais histórias e personagens de quadrinhos, com muita cor e vivacidade.

Branding - Realiza-se através de queimaduras na pele, seja por meio de metais quentes, gelo, ácidos ou laser.

Black Light Tatoo - Aparece somente sob luz negra

Frases - Trechos de música, poemas, orações e ditos populares.

TUDO COMEÇOU COM UM NÓ

Em 1992, três serprianos foram a Teresina para criar um nó de rede, mas as demandas na cidade foram tantas que em 1995 surgia um escritório local

“

ê são João é Pacatuba
ê rua do Barroão
ê Parnaíba passando
separando a minha rua
das outras, do Maranhão”

Nos versos acima do poema “a rua”, musicado por Gilberto Gil, Torquato Neto cita nomes de antigas ruas de Teresina, sua cidade natal. Ele homenageia também o Parnaíba, rio lembrado carinhosamente por muitos moradores da capital piauiense, como Elson Milhome, o veterano do escritório do Serpro em Teresina.

“Aqui tem uma história que diz que quem bebe da água do Parnaíba não sai mais da cidade”, conta Elson, que há 22 anos está na capital. “Eu e duas colegas do Serpro saímos de Fortaleza para cá, em 1992, com a função de criar um nó de rede para concentrar os circuitos de comunicação dos clientes do Piauí em um link, conectado com Fortaleza. Ajudei a montar o nó de rede e permaneço nele até hoje, foi um nó bem apertado”, brinca Elson. “Foi desafiador participar desse projeto. É uma experiência que compõe o meu currículo de vida”, compartilha Magnólia Rodrigues, que integrou o trio e, atualmente, é da Supop de Fortaleza.

A partir do nó de rede, as demandas do Serpro na cidade se “desenrolaram”, cresceram e, em 1995, deram origem ao escritório de Teresina. A equipe foi constituída pelo trio inicial e por mais dois profissionais de atendimento técnico que já trabalhavam no Estado – um cuidava da manutenção de terminais e impressoras; outro, dava suporte a sistemas. E o novo local da empresa foi instalado no segundo andar do prédio do Ministério da Fazenda (MF).



Equipe de 13 profissionais atende clientes como Receita Federal e Procuradoria da Fazenda Nacional

“Ocupávamos uma sala de uns 20 m², com pouco espaço para guardar materiais e equipamentos. Não tínhamos carro próprio para realizar atendimentos externos”, recorda Elson. Mas ele destaca que essas dificuldades ficaram no passado. “Somos Serpro, temos máquinas e mobiliário iguais aos usados em outras localidades da empresa. Nossa estrutura agora é muito boa”, acrescenta ele, atualmente chefe da Divisão de Administração de TIC em Teresina, a denominação formal do escritório.

Relação calorosa

Hoje, o escritório de Teresina possui uma área de 193 m², no térreo do prédio do MF. A equipe, formada por 13 profissionais, atende clientes como a Receita Federal, a Procuradoria da Fazenda Nacional, a Superintendência do Patrimônio da União, a Superintendência de Administração do MF, o Departamento Nacional de Infrastru-



A primeira capital planejada do Brasil

O escritório de Teresina fica no prédio do Ministério da Fazenda (à direita e no detalhe), que está situado no contorno da arborizada praça Marechal Deodoro, ou da Bandeira, como é mais conhecida. O local onde hoje é a praça, no centro histórico e comercial da cidade, é considerado o núcleo de povoamento inicial de Teresina, a primeira capital planejada do país, fundada em 1852. O lugar, antes chamado de Largo do Amparo - em referência à Igreja de Nossa Senhora do Amparo (à esquerda), era um descampado ao redor do qual foram erguidos igreja, mercado, sede do governo e outras construções necessárias ao funcionamento da Província do Piauí. Atualmente, na alameda central da praça, vê-se o Marco de Fundação de Teresina.

tura de Transportes e a Polícia Federal. Entre as atividades executadas no ambiente, que também é ponto de apoio para nove empregados do quadro externo, estão a administração de rede local e o serviço de certificação digital. Para os colegas do escritório, a tarefa de atender, de perto, governo e sociedade é gratificante.

“Em São Paulo, fui do suporte à rede local da Receita Federal. Em 1998, consegui transferência para o escritório de Teresina e trabalhei no atendimento também à Receita. Agora, estou na certificação digital”, detalha o piauiense João Francisco Ribeiro, que entrou no Serpro em 1979. “É fundamental estabelecer uma relação de confiança e de proximidade, seja com o cliente de governo ou com o contribuinte. Trabalhar com o público é fascinante”, diz João.

A colega Cleide Davis concorda: “Quando as pessoas entendem, por exemplo, para que serve a certificação digital, passam a valorizar a solução. Prestar um serviço é algo importante”, avalia a piauiense que ingressou no Serpro em 1975, foi do quadro externo em Teresina, e há cerca de seis anos está no escritório.

Edvaldo Gama é outro colega que se alegra por poder ter contato direto com o público da empresa. “Em Brasília, eu era suporte de terceiro nível da unidade de centro de dados, quase não via o cliente, lidava mais com as máquinas”, contextualiza o empregado, em Teresina desde 2012. “Quando cheguei, fui do suporte de primeiro nível à rede LAN, e pude saber como é estar na ponta e ter uma visão que até então eu não tinha”, completa.

Tanto Edvaldo como Cleide e João sentem-se satisfeitos em colaborar com o Serpro na capital do Estado no qual nasceram e possuem familiares. E, pelo jeito, nenhum deles toparia sair de Teresina para trabalhar em outra localidade da empresa. Mesmo nos meses do B-R-O-Bró, o período de setembro a dezembro, considerado o mais quente do ano na cidade.

“As pessoas daqui são acolhedoras, gostam de conversar. Tem o clima quente que todo mundo reclama, mas em Teresina também sentimos calor humano”, revela Edvaldo. “A cidade oferece educação, saúde, mobilidade. Está crescendo, mas tem qualidade de vida. Existe a quentura sim, mas aí a gente fica perto do ar-condicionado”, comenta João, descontraído. “Teresina cresce, mas ainda mantém um estilo de cidade pequena, as pessoas se relacionam mais. Quanto ao calor, a dica é buscar a sombra e o ar-condicionado, não tem outra saída”, sugere Cleide, rindo. ■

CALOR HUMANO

Serprianos realizam campanhas do agasalho

O inverno pode ser uma estação gostosa para quem está protegido do frio, mas também é um tempo difícil para quem não tem o mesmo conforto. Pensando nisso, empregados do Serpro realizaram campanhas de doação de agasalhos em diferentes regionais.

Em Curitiba, a iniciativa aconteceu em junho, com a coordenação da Comissão de Responsabilidade Social da regional. Foram arrecadados 160 quilos de roupas e outras peças de vestuário. A ação, realizada em cooperação com o Comitê de Entidades no Combate à Fome e Pela Vida (Coep-PR), beneficiou a Instituição Hermon, da capital paranaense, concluída com uma grande entrega de materiais em 3 de julho.

Roseli Braz, coordenadora da campanha, comemorou não só a quantidade do material arrecadado, mas também a qualidade. “De todas as peças de roupas doadas, só tivemos de descartar uma. A instituição até nos ligou agradecendo por isso”, afirma.

Já no Rio de Janeiro, durante campanha realizada em julho, foram arrecadados mais de 500 produtos para 77 idosos e 150 crianças que moram em um abrigo.

Além do agasalho

Inicialmente seria mais uma tradicional campanha do agasalho realizada pela Regional Florianópolis, mas vieram as enchentes em Santa Catarina e o Comitê de Responsabilidade Social de Santa Catarina (CRSC) resolveu ampliar os tipos de donativos.

DOAÇÕES EM NÚMEROS

REGIONAL CURITIBA

↓
INSTITUIÇÃO HERMON



160kg

de roupas e peças de vestuários

REGIONAL FLORIANÓPOLIS

↓
40 MIL DESABRIGADOS



11 litros

de água sanitária

14 litros

de desinfetante

2 litros

de detergente



Comissão de Florianópolis, a partir da esquerda: Ana, Maria José, Ricardo, Maria Júlia e Janice

“Os colegas da Regional Florianópolis ficaram sensibilizados com a situação dos desabrigados nas enchentes e sugeriram a doação dos agasalhos arrecadados para as vítimas”, explica a vice-coordenadora da CRSC, Maria Júlia Miranda. “Como houve um apelo por parte da Defesa Civil de Santa Catarina para que a população fizesse doações de materiais de limpeza, o comitê resolveu também se engajar nessa corrente de solidariedade”, completa.

De 27 de junho a 4 de julho foram recolhidos 11 litros de água sanitária, 14 litros de desinfetante, dois de detergente, dois quilos de sabão em pó e 203 peças de roupas. Uma ajuda para os 40 mil desabrigados pela chuva, que bateu recorde em todas as regiões do Estado, afetando 39 municípios. ■

